

MODERNIDADE E MARGINALIDADE GEOGRÁFICA - O CASO DE CABO VERDE

ELISABETE MASINI

Na ausência dos doutos a respeito das Literaturas Caboverdianas, faço agora uma breve exposição das mesmas, fixando-me mais no período que vai de 1936 a 1945, o que corresponde à primeira fase da revista **Claridade**, estendendo algumas pinceladas até 1960, quando então foi editado o último número da revista.

Levando-se em conta que Cabo Verde foi colônia portuguesa desde sua descoberta até 1975, falarei de uma literatura realizada durante uma ditadura colonial, a qual delimitou as produções artísticas e a vida caboverdiana no geral.

A reflexão embarca no período claridoso porque foi a partir daí que se iniciou o período Modernista em Cabo Verde.

A presente exposição será mais um levantamento histórico, através de inferências com a modernidade, que é o tema proposto pelo seminário, do que uma análise específica de obras, visto que as literaturas caboverdianas são tão pouco ou mesmo nada conhecidas entre nós, leitores e estudiosos brasileiros.

Dada a falta de documentação comparativa à nossa disposição, admite-se que a literatura Caboverdiana iniciou-se a partir da abolição do tráfico de escravos; da abertura das principais escolas e da liberdade de imprensa no ano de 1880.

Para melhor compreensão, dividirei a literatura de Cabo Verde em dois momentos: antes e depois da **Claridade**.

Estas literaturas começaram através das canções locais, muito apegadas ao romantismo, as famosas "mornas", de autoria dos consagrados Eugênio Tavares Pedro Cardoso, além de Antônio Januário Leite e José Lopes; das "finançons" (canções de batuque) e das "curtiçans" (canções ao desafio - Ilha do Fogo).

Com a extinção do tráfico de escravos iniciou-se em Cabo Verde uma forte emigração para os Estados Unidos da América, Argentina e Brasil, a qual contribuiu muito para divulgação das cantigas caboverdianas e de denúncia do processo colonial.

Em 1910, José Bernardo Alfame publica as "Canções Crioulas" e logo após, Pedro Cardoso lança "Caboverdianas" e "Ode África", editando também o jornal "manduco", com forte uso da língua crioula.

No período de 1910 - 1925, surgem idéias socializantes, sendo Pedro Cardoso e Eugênio Tavares os primeiros a elegerem a língua crioula como língua literária. A partir destes dois autores e mais alguns que aderem a eles, teremos o início da perspectiva moderna e literária da revista **Claridade**.

O primeiro livro de poemas com uma pincelada de modernidade caboverdiana é o livro de Antônio Pedro - **Diário**, 1925. Neste mesmo período, surge o poema "Galinha Branca" de Pedro Corsino Azevedo, de grande cunho de modernidade poética.

A primeira obra de ficção caboverdiana é o romance **Chiquinho** de Baltazar Lopes. Escrito em meados de 1930 e publicado em 1946, ele nasce juntamente com a publicação da revista **Claridade**, em torno da qual se reuniu um grupo de intelectuais, entre eles, Manuel Lopes, Jorge Barbosa e Baltazar Lopes, que decidem romper com os arquétipos europeus e voltar-se para a cultura caboverdiana.

Como nos diz Manuel Ferreira (1987: 43) *“em termos de literatura a revista Claridade deu uma virada de cento e oitenta graus, onde as costas até então voltadas aos modelos temáticos e requisitos estilísticos europeus, e os olhos, pela primeira vez, voltaram-se vigilantes e deslumbrados ao chão crioulo”*.

A partir da década de trinta, encontra-se uma série de influências de natureza política, social, histórica, econômica e literária, esta influenciada pelas similitudes de relações com a literatura brasileira e do Grupo “Orpheu” de Fernando Pessoa. Por volta dos anos quarenta, mais ou menos, quando surge em Portugal com os neo-realistas uma literatura voltada para o social, há um maior aconchego entre os caboverdianos e a literatura portuguesa.

Percebe-se, realmente, uma similitude de situações e locais, um entusiasmo pelo Brasil, por este ter sido a primeira colônia portuguesa a se tornar independente. O “drama” caboverdiano, na busca de uma identidade própria estava muito mais próximo do Brasil do que de Portugal. Idéia que pode ser corroborada pela análise de Duarte (1986:8):

“(…)Daí o “alumbramento” provocado pela literatura brasileira, a qual se deve à identificação dos claridosos com uma literatura que, para além de uma temática baseada numa situação ecológica e social afim, era o desembocar de um processo cultural comum ao Brasil e a Cabo Verde. O Nordeste com suas secas e os seus êxodos, as suas frustrações, surgia como um eco longínquo e amplificador dos gritos de revolta que morriam na garganta dos homens das ilhas, mas o Nordeste revelava-se igualmente aos claridosos como a região onde desabrochou o sistema patriarcal, agrário e escravocrata no Brasil, criando um espaço psicológico que foi, tal como em Cabo Verde, o produto da reelaboração de dados culturais provenientes da Europa e da África. Por isso, a literatura do Nordeste foi, para os escritores da Claridade, a referência cultural que lhes faltava e que não podiam encontrar na literatura portuguesa, a única a que tinham, provavelmente, tido acesso até então”.

Baltazar Lopes, em seu livro **Cabo Verde visto por Gilberto Freyre** (1956:5), coloca-nos bem a questão da relação literatura brasileira - literatura caboverdiana:

*“Há pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começamos a pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o problema de formação social das ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde. Precisávamos de certezas sistemáticas que só nos podiam chegar com auxílio metodológico e com investigação de outras latitudes. Ora aconteceu que por aquelas alturas nos caíram às mãos, fraternalmente juntos em sistema de empréstimo, alguns livros que considerámos essenciais **prodromo** **nostra**. Na ficção, o José Lins do Rego do **Menino de Engenho** e do **Bangüê**, o Jorge Amado do **Jubiabá** e do **Mar Morto**; (...) em*

poesia, foi um “alumbramento” a “Evocação do Recife” de Manuel Bandeira, que salvo um ou outro pormenor, eu visualizava, com as suas figuras dramáticas, na minha Vila da Ribeira Brava (...). A vinte anos de distância, teimo em considerar essas reações como autênticas. Esta ficção e esta poesia revelava-nos um ambiente, tipos, estilos, formas de comportamento, defeitos, atitudes perante a vida, que se assemelhavam aos destas ilhas, principalmente naquilo que as ilhas têm de mais castiço e de menos contaminado”:

Podemos falar em similitudes e não em dependência em relação à literatura brasileira. Havia ligações com o aspecto modernista e social da nossa literatura.

As revistas portuguesas deram muito apoio às publicações caboverdianas, principalmente a revista **Atlântico**, no período de 1940 - 1950, que tinha como editor Antônio Ferro, o qual achava que a projeção de Portugal seria para o Atlântico - Cabo Verde e Brasil.

Após a década de cinquenta, a literatura caboverdiana toma o rumo das literaturas de combate e Portugal se vira para a Europa.

A revista **Claridade** foi a primeira revista literária caboverdiana. Ao todo foram nove números, respectivamente em 1936 (dois números), 1937 (um número), 1947 (dois números), 1948, 1949, 1958 e 1960 (um número respectivamente).

Com esta revista, surge uma nova literatura ou ela é o reflexo de uma nova literatura que surgia no mundo caboverdiano. Os diversos dramas do caboverdiano aparecem nos textos da revista - o drama da censura, dos emigrantes, dos contratados, das secas, da vida em Cabo Verde.

“Devido ao isolamento geográfico, à mistura homogênea da população, à falta de correntes migratórias em grande escala, à fala crioula regional, à consciência cultural despertada por uma taxa de alfabetização alta para a África”, a literatura caboverdiana é tida como exceção na literatura africana. Como nos fala Gerald Moser (1983:52) as letras lusofonas de genuíno caráter africano, as que falam da África numa perspectiva africana, estão ainda na infância, exceto em Cabo Verde.

O sentimento que predomina em Cabo Verde e que estabelece uma distância entre Cabo Verde e África é o da **caboverdianidade**:

“Nós somos caboverdianos, não somos africanos, nem europeus, nem brasileiros”.

É necessário ver Cabo Verde como Cabo Verde.

A ambição de se criar literatura autônoma, concentrou-se em pequenos grupos de jovens intelectuais, que editaram as suas próprias revistas - **Claridade**, 1936 em Cabo Verde, e **Mensagem** em Angola, 1951.

Com relação às revistas de Cabo Verde, temos, até 1960, três que se sobressaem - **Claridade** - 1936-1960; **Certeza** - 1944, de tendência progressista com apenas dois números publicados devido à censura, formada por jovens estudantes, entre eles, Nuno Miranda e Arnaldo França e a revista **Suplemento Cultural** em 1958 já totalmente engajado o espírito de luta pela libertação.

A última fase da revista **Claridade** (1947-1960) teve uma variedade maior de colaboradores, havendo a predominância de jovens com enorme sentido nacionalista. A influência socialista é forte. Os poemas se tornam uma verdadeira arma de luta em prol da libertação e da denúncia.

Durante o período de publicação da revista, vários livros foram publicados, escritos pelos mesmos autores, participantes da elaboração da **Claridade**; res-

pectivamente, por ordem cronológica:

1941, **Ambiente**, de Jorge Barbosa; 1947, **Chiquinho**, de Baltazar Lopes; 1951 **Chuva Brava**, 1960 **Flagelados do Vento Leste**, de Manuel Lopes; 1960 **Cais de ver partir**, de Nuno Miranda; 1963, **Distância**, de Teobaldo Virgínio, e 1978, **Ilhéu de Contenda** de Henrique Teixeira de Souza.

Alguns destes autores diretamente ligados à **Claridade** têm publicações no exterior e traduções de suas obras em outras línguas:

Manuel Ferreira, com livros e contos em edições portuguesa, francesa, russa, alemã e sueca; **António Aurélio Gonçalves** com livro em edição alemã; **Baltazar Lopes** - tradução russa e ucraniana.

O escritor Teobaldo Virgínio tem revistas publicadas em Baltimore (USA). Os livros caboverdianos, nos EUA, têm venda dentro do próprio grupo de caboverdianos emigrados. Não há muito interesse entre os americanos pelas obras caboverdianas.

Em alguns Estados dos EUA, o crioulo caboverdiano é tido como segunda língua nos liceus. Por exemplo, em Maryland, o crioulo é a língua da saudade, a língua estrangeira da saudade. Os netos e bisnetos de caboverdianos emigrados para os EUA, que são portanto americanos, optam em sua grande maioria pela língua crioula como estudo da segunda língua. Temos, então, que para eles, uma leitura em crioulo, de textos literários escritos em crioulo caboverdiano, é uma leitura literária, e o crioulo rompeu os limites sentimentais e geográficos das ilhas.

A revista **Claridade** constitui-se numa rica fonte de estudos da língua caboverdiana, pois temos paralelamente o uso do português e o uso do crioulo.

Tinha esta revista limitações políticas, o que levou vários críticos a vê-la como exemplo de um grupo culto de intelectuais e não como um grupo com raízes sociais.

O escritor caboverdiano Luís Romano (1984:49) coloca-nos a par dos colaboradores e fundadores da revista de maneira bem precisa:

“É justiça dizer que foi autêntica temeridade de jovens compatriotas conseguir dar vida a uma revista de tal envergadura, num meio restrito de contatos com o mundo culto do exterior, e de difícil convívio no hinterland, com elementos espalhados pelo arquipélago, submetidos quase que ao isolamento pela raridade de intercomunicações, elementos sempre preocupados com a sobrevivência física, e ainda mais obcecados pela ameaça do desemprego, ou da emigração como último refúgio da vida”

As palavras acima estabelecem bem o contexto no qual se fincou a modernidade em Cabo Verde. Uma modernidade voltada aos problemas específicos do mundo caboverdiano, sem contudo ficar isolada do contexto mundial.

Espero ter conseguido, nesta breve reflexão, contribuir um pouco mais para a divulgação da literatura caboverdiana e penso que os padrões da produção artística têm que ser entendidos na dinâmica do processo cultural e a nossa valoração das obras deve ter em conta o contexto local, não podendo apenas projetar nossos valores de metrópole cultural para qualificá-las.

A modernidade, tal qual é tratada pelo dito primeiro Mundo, não necessariamente coincide com os conceitos de Modernidade de Cabo Verde. A questão da dinâmica própria das comunidades africanas isoladas - e no caso de Cabo Verde, esse isolamento é, na acepção exata do termo, insulamento - deve ser respeitada, assim com a sua Modernidade específica.

BIBLIOGRAFIA

Clareza - Coleção para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, Revista de Arte e Letras - Linda-a-Velha, 1986.

DUARTE, Dulce - Literatura e Identidade - Uma abordagem Sócio Cultural:

Texto proferido no Simpósio sobre Cultura e Literatura Caboverdiana/Fundação Amílcar Cabral, São Vicente - 23-27 de novembro de 1986, por ocasião do 50º aniversário do lançamento do primeiro número da revista **Clareza**.

FERREIRA, Manuel - Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa - Série Fundamentos - Editora Ática, 1987.

LOPES, Baltazar - Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos ao microfone de Rádio Barlavento - Imprensa Nacional - Praia - 1956.

MOSER, Gerald e FERREIRA, Manuel - Bibliografia das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa - Imprensa Nacional, Casa da Moeda - 1983.

ROMANO, Luís - Cem anos de Literatura Caboverdiana in: Revista África - Universidade de São Paulo - Centro de Estudos Africanos - 1984.